

O PAPEL DO EDUCADOR DIANTE DOS DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO¹

THE ROLE OF THE EDUCATOR TOWARD BEHAVIOR DISTURBANCES

Elisiane Ilha²

Daniela Grieco Nascimento e Silva³

RESUMO

Neste estudo trata-se da problemática dos distúrbios de comportamento, assunto que deve ser mais debatido nas escolas com pais e professores, pois a criança que apresenta tal quadro possui características específicas tais como agressividade, impulsividade e baixa auto-estima, que devem ser levadas em consideração em seu processo de ensino-aprendizagem. Na busca de compreender melhor os distúrbios de comportamento, realizou-se este estudo por meio de pesquisa bibliográfica, a fim de melhor posicionar o papel do educador diante de tal dificuldade. Após a realização deste, conclui-se que adquirir novos conhecimentos sobre os distúrbios de comportamento é fundamental, pois isso proporciona a abertura de novos horizontes para os educadores que trabalham com tais crianças. É de extrema importância que o professor esteja atento aos acontecimentos da turma diariamente, pois é fundamental ter uma relação aberta com a criança que possui um distúrbio de comportamento. Saber escutá-la, fazendo com que ela perceba o quanto é importante, fazê-la sentir-se amada e protegida, são elementos que podem ajudá-la, diante da sua problemática. Definitivamente estas são crianças que necessitam de ajuda a partir de um trabalho interdisciplinar, envolvendo professores, pais, escola e profissionais especializados.

Palavras-chave: distúrbios de comportamento, relação professor/aluno.

ABSTRAT

This study deals with the problem of behavior disturbances, an issue which should be debated with parents and teachers in the school, for the children who present features such as aggressiveness, impulsiveness and low self-esteem should be taking into account in their teaching-learning process.

¹ Trabalho realizado na ACC de Distúrbios de Comportamento e suas Implicações Pedagógicas – UNIFRA.

² Aluna do Curso de Pedagogia - UNIFRA.

³ Orientadora.

In search of better understanding the behavior disturbances, this study was carried out by means of a bibliographical research in order to give a better position to the role of the educator who faces such a difficulty. After accomplishing this, it was concluded that it is fundamental to get new knowledge about behavior disturbances, since this provides the opening of new horizons for educators who work with these children. It is extremely important for the teacher to be daily attentive to class events, for it is fundamental to have an open relationship with the children who present a behavior disturbance. Knowing how to listen to them, making them realize how important they are, making them feel loved and protected are factors which may help them face their problem. Definitely, these children need to be helped by an interdisciplinary work involving teachers, parents, school and experts in the area.

Key Word: behavior disturbances, relationship between teacher and student.

INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho será abordado um dos temas que preocupam pais, professores, as instituições escolares, e sobretudo, alunos e alunas: os distúrbios de comportamento. Tema esse muito debatido na sociedade entre os diversos campos profissionais tais como: psicólogos, psicanalistas, neurologistas, psiquiatras, educadores, psicopedagogos, entre outros.

Os distúrbios de comportamento estão relacionados diretamente com as dificuldades de aprendizagem e encontram-se presentes em qualquer escola e em qualquer família. Muitas vezes, não se sabe por que um aluno não aprende. Esse é um dos momentos em que a família deve ir até a escola, conversar com o professor para saber quais atitudes essa criança tem em sala de aula. Da mesma forma, a família deve passar ao educador qual é o comportamento diário desse aluno em casa. Certamente, esse indivíduo não está conseguindo corresponder às expectativas da escola, dos pais e até dele próprio. Pode ser também devido à pressão feita pela instituição e/ou pela família sobre seu desempenho nos estudos. Quanto a isso, CORDIÉ (1996) explica que a criança entende o quanto ela tem de responsabilidade ao responder às expectativas dos pais.

Considerando que não necessariamente seja o aluno o maior culpado de suas dificuldades, existem outros fatores que podem levar a tal problema, entre eles, o próprio professor. Como salienta FINI (1996), um ensino defasado, mal qualificado, qualquer fato marcante por parte do professor, pode propiciar o mau comportamento desse aluno o que, conseqüentemente, afetará seu desempenho escolar.

Esse assunto é preocupante e complexo. Na maioria das vezes pais e educadores, ao se depararem com algum tipo de distúrbio, ficam sem saber o que fazer. Essa é a hora de ambos procurarem ajuda de um profissional específico para o problema da criança. Por exemplo, um psicopedagogo, que segundo BOSSA (1994), estuda as características da aprendizagem humana de modo a tratá-las e preveni-las. Assim, a psicopedagogia poderá contribuir significamente na compreensão e no tratamento de crianças com distúrbios de comportamento.

Geralmente é o professor a primeira pessoa a perceber a mudança do comportamento na criança. A partir disso, o professor ficará atento à atuação desse aluno em classe, procurando trabalhar, de acordo com a necessidade da criança. O educador precisa fazer com que essa criança sinta-se importante no meio em que convive, estimulando suas capacidades.

Mas, infelizmente, muitas vezes acontece o contrário. O professor age autoritariamente, dono de todo o saber, é incompreensível. Nesse caso, WEISS (2000) coloca a necessidade de o professor saber que a maneira como age em sala de aula pode comprometer o estado mental e emocional da criança. As fortes exigências, a maneira de se expressar e ensinar do educador podem ser os fatores causadores do fracasso desse aluno.

Existem casos em que professor sozinho não consegue resolver, mas é missão dele passar o problema para um profissional específico, que auxilie o aluno com distúrbio de comportamento a superar suas dificuldades.

REFERENCIAL TEÓRICO

Crianças e adolescentes com distúrbio de comportamento são caracterizados por apresentarem variados tipos de conduta, os quais não são adequados para sua idade. Esse fato irá resultar em conflitos sociais, fracasso escolar e descontentamento consigo mesmo. A respeito disso, SUKIENNIK (2000) relata que o problema é diagnosticado, na maioria, em crianças e adolescentes primeiramente caracterizados por seguir um modelo constante de comportamento no qual não respeitam os direitos dos outros, nem regras da sociedade necessárias à sua idade. Esses indivíduos, com distúrbios de conduta, são identificados devido ao seu comportamento agressivo, impulsivo, fazendo com que a instituição escolar tenha que tomar providências imediatamente. A auto-estima dessas crianças é extremamente baixa, o que faz com que demonstrem a irritação e a raiva perante as pessoas, pois segundo GALLAGHER & KIRK (1996), a partir de listas de verificação e recursos para avaliar inúmeras crianças, é possível selecionar respostas para separar um grupo de crianças de outro, resultando em quatro tipos de comportamen-

tos problemáticos nas crianças os quais foram denominados da seguinte forma: retraimento por ansiedade, imaturidade, distúrbios de conduta e agressão socializada.

Assim a criança que tem distúrbios de comportamento é desafiadora de autoridades. Ela chega a ser hostil em relação às figuras de autoridade, mesmo que sejam policiais, professores, dentre outros. É uma criança agressiva, com poucos sentimentos de culpa. Nessa categoria estão incluídas as chamadas hiperativas e inquietas. Com relação a esses aspectos, ROJAS (1997) ressalta que estudos mostram a frequência comorbidade com transtornos de hiperatividade/falta de atenção, perturbações de humor, funcionamento psicótico e do tipo paranóide. O diagnóstico dos distúrbios de comportamento inclui também transtornos na aprendizagem, déficit de atenção/hiperatividade, deficiência mental leve, esquizofrenia e transtornos do humor.

A hiperatividade e a busca de atenção normalmente não são ditos problemas sérios, pois nenhum deles surge da hostilidade. Porém, no momento em que o andamento da classe fica comprometido, pensa-se na hiperatividade como algo mais sério. Sabe-se que a busca de atenção é fruto de causas psicológicas, enquanto que a hiperatividade é fruto das causas físicas. A criança que quer chamar atenção realmente tenta dominar a sala de aula, podendo recorrer a um palavreado inadequado ou até mesmo gritar se tiver vontade. Já o hiperativo pode rabiscar, assobiar, algumas vezes roer as unhas ou coçar várias partes do seu corpo. Essas atitudes podem se estender até a fase adulta. Para BERGUER & KARLIN (1977), a criança hiperativa é a carente de atenção e quando indisciplinadas, não devem ser punidas, mas deve ser enfatizada a necessidade de justiça com todos os alunos da classe.

A carência de atenção que algumas crianças apresentam podem ter vários motivos, como por exemplo: vir de um lar no qual recebe pouca atenção, além de pouco amor e afeto; pode ser filho único; pode ser uma criança "presa" e tantos outros. Seja qual for a razão, essa criança precisa de assistência psicológica de atenção. De acordo ainda com BERGUER & KARLIN (1977), acredita-se que a criança carente de atenção pode ser excelente, atrasada, ou estar em qualquer dessas situação. Às vezes ela é divertida, uma atriz quem sabe, era excluída, odiada na sala de aula, quando pequena, mas na verdade ela queria chamar a atenção.

A hiperatividade é um comportamento associado ao excesso de energia física, falta do autocontrole e limitado tempo de concentração da atenção. Uma criança hiperativa não necessariamente precisa se comportar desse modo se a energia dela for canalizada. Não se pode deixar de falar que a criança com esse comportamento se torna indisciplinada. Ela tem mais ener-

gia do que pode utilizar e isso deve ser considerado para que suas necessidades sejam satisfeitas. GARCÍA (1998) nos fala que a estimativa com os critérios de DSMV- IV, estaria entre 3 e 5%, havendo um "equilíbrio" por meio de diversos grupos socioeconômicos e culturais, mesmo sendo seis meninos para cada menina com TDHA, já estudos baseados em comunidades a estimativa é de três meninos para cada menina.

Já em relação à agressão socializada, a criança com tais diagnósticos apresenta algumas características do indivíduo com distúrbios de comportamento, mas mantém relações sociais com um grupo de colegas, geralmente com comportamentos inadequados. Desde então, observa-se roubo, "vadiagem", dentre outros comportamentos próprios de gangue. No entanto, a criança com distúrbios de comportamento apresenta uma conduta desafiadora, pode intimidar o professor em sala de aula, desafia-o quanto às tarefas que lhe são incumbidas. Com relação aos alunos que apresentam distúrbios de comportamento, ROJAS (1997) afirma que esses indivíduos têm comportamentos agressivos, mas socializado, apresentam uma repulsão a pessoas que representam qualquer tipo de autoridade, por exemplo, a professora, assim como não aceitam cumprir normas e não se preocupam com o sentimento dos outros.

É de suma importância que os educadores tomem consciência dos problemas enfrentados por seus alunos. Alguns professores devem se perguntar: por que tanta insistência na atenção com esses alunos? Esse aluno com problemas pode afetar de alguma maneira o comportamento do resto da turma, tornando-os indisciplinados e desinteressados, além dele próprio estar precisando de ajuda. Conforme SUKIENNIK (2000), o padrão de comportamento pode ser "escondido" pela criança. A agressividade, as ameaças, são condutas que provavelmente, podem iniciar conflitos graves, com ações extremamente violentas como o uso de armas.

O educador precisa ver o aluno com olhos compreensivos, pode assim procurar a causa do problema dele. Quando descoberto, deverá começar agir para solucioná-lo. Pode acontecer do professor não conseguir ajudar esse aluno? Pode. Mas ele pode demonstrar interesse, compreensão e afeto ao aluno em dificuldade e, com certeza, as atitudes dele melhorarão de uma maneira geral.

Quando o aluno está com alguma dificuldade na aprendizagem, por exemplo, qual é o papel do professor? Investigar qual é a dificuldade e o porquê. É o professor quem percebe primeiro tal obstáculo, então, deverá ajudar a criança a superá-lo. Segundo SCHWARTZMAN (2000), é fundamental que fique esclarecido que, ao estar com uma criança que está no caminho do fracasso na escola, primordialmente o educador deve tentar, dentro do possível, detectar o porquê das dificuldades.

Por meio de atividades diferenciadas, aulas com dinâmicas, fazendo uso de materiais lúdicos, deixando a criança ter contato e explorar os objetos, enfim, é a criatividade e o interesse do professor que vai fazer a diferença. Pois como declara WEISS (2000) que, pela observação dos jogos, pode-se identificar os conhecimentos que a criança já adquiriu, da sua função cognitiva, as ligações com o ato de aprender e não-aprender, como isso se dá, de que maneira se mostra e até mesmo o que é preciso esconder e como consegue isso. Mas sabe-se que o fracasso escolar acontece muito porque o educador não consegue ou nem tenta solucionar o problema. E, então, as dificuldades vão se acumulando, chega-se a um ponto em que se torna difícil resolvê-las. Afirma-se isso nas palavras de OLIVEIRA (1996) quando diz que é muito comum ver professores usando materiais com conteúdos já ultrapassados, sem estímulo nenhum, um material não planejado conforme a necessidade do aluno. Dessa maneira, a criança não consegue acompanhar com sucesso o processo de ensino-aprendizagem, consequentemente, não absorve os conhecimentos. Do mesmo assunto colocado por BOSSA (1994) que é por meio do aprender que o indivíduo se coloca como ser social, instituído num mundo de diversas culturas, e é o âmbito escolar quem vai dar subsídios para que esse aluno adquira saberes, de forma responsável e por incluí-lo na sociedade

Quando as pessoas dizem que as crianças fazem birras e isso acontece muito em casa e na escola, estão errados. Não conseguem “interpretar” a criança. Certamente ela quer “dizer” alguma coisa com essa atitude. O fazer birras quer dizer que a criança age dessa forma porque ela tem tanta raiva no seu interior que não pode mais se conter. Então ela estoura “espirrando” raiva para todas as direções. Mas, isso não significa que o seu professor não possa ajudá-la.

Um educador compreensivo ajudará essa criança a superar esses sentimentos para tornar-se segura e sentir-se amada. Essas crianças fazem o que fazem porque certamente elas têm suas próprias razões. A partir do que SUKIENNIK (2000) diz, deve-se ter cuidado para não omitir crianças que pareçam ter algum problema em sala de aula, sem saber o que está acontecendo. Nesses casos, a escola representa, para esse aluno, inserção social.

As crianças, com distúrbios de comportamento, mostram com esses problemas, dificuldades de aprendizagem. Em toda e qualquer sala de aula, existem alunos, que por seus motivos, apresentam distúrbios de aprendizagem. Esses alunos têm várias denominações, como por exemplo: crianças-problema, alunos com dificuldades de aprendizagem, indisciplinados, hiperativos, indivíduos com disfunção cerebral mínima, entre muitos outros. É possível observar que essas dificuldades perturbam inclusive a interação da criança com o mundo a sua volta e também com o brinquedo.

Conforme GOLBERT & MOOJEN (2000), o fato de uma criança estar terminando a 1º série sem saber decodificar as palavras, enquanto os colegas já sabem, isso quer dizer que ele não está superando as expectativas dos pais, professores e dos colegas, o que representa para esse indivíduo um fracasso. Provavelmente isso poderá influenciar negativamente na sua autopercepção e comprometer sua vida acadêmica futuramente. WEISS (2000) ressalta ainda que o fracasso escolar é decorrente da junção de acontecimentos que estão interligados, os quais acabam atrapalhando o bom desempenho da criança.

As manifestações de dificuldades de aprendizagem mais comuns relacionadas pelos professores e pais são:

- falta de atenção;
- dificuldades de leitura-escrita;
- dificuldades na matemática.

A partir de tais citações a falta de atenção parece ser a mais preocupante, pois pode comprometer as outras.

As dificuldades de atenção, geralmente, envolvem outros tipos de distúrbios, dos quais podem-se citar: o distúrbio de hiperatividade com déficit de atenção, transtornos efetivos, superdotação e transtornos de conduta, dificuldade de relacionamentos com professor/colegas e exigência familiar/escolar. Crianças agitadas, que tentam chamar a atenção o tempo todo, quando são repreendidos originam conflitos, pois além delas não estarem acompanhando bem as atividades propostas na sala de aula, acabam atrapalhando o andamento da turma inteira. A respeito disso GALLAGUER & KIRK (1996) relatam que as inquietações são representadas por atitudes que influenciam no seu desempenho como desorganização do material escolar, agitação e não-finalização das tarefas propostas, comprometendo o seu desenvolvimento acadêmico nos aspectos como leitura, escrita, matemática e outras disciplinas. Dessa forma, continua-se insistindo na fundamental função do educador de fazer observações diárias desses alunos, para poder realizar alguma coisa por ele. Como relata GOLBERT & MOOJEN (2000), o interesse do professor em procurar saber a origem das causas dos distúrbios de comportamento é de suma importância para ajudar a criança com tal dificuldade.

A criança hiperativa pode ocupar grande parte do tempo na classe. É importante que o professor desenvolva um clima de harmonia com seus alunos para fazer um trabalho com respostas positivas. Deve mantê-los interessados, envolvidos nas tarefas propostas em sala de aula. Segundo BERGUER & MURIEL (1997), fica evidente que a ajuda médica pode colaborar em certos casos. Dificilmente essas crianças são agressivas. Uma vez que irão corresponder muito bem ao professor que simplesmente os trata como seres humanos.

Independente do tipo de distúrbio, é de extrema importância a orientação de um profissional. Mas primeiramente, o professor que trabalha diariamente com a criança em sala de aula, deve estar à parte das suas dificuldades, buscando auxiliá-la e compreendê-la.

Torna-se possível e claro de constatar que sozinho o professor não consegue ajudar a criança com distúrbios de comportamento tornando-se necessário a intervenção de profissionais especializados, como psicólogo, psicopedagogo, neurologista, psiquiatra, etc. Pois em conjunto, na realização desse trabalho com a criança, encontrarão subsídios e metas concretas de apoiá-la de acordo com a sua carência.

Segundo ROJAS (1997), crianças com distúrbios de comportamento apresentam fraca apreciação, com raciocínio distraído, tornando-se difícil o desempenho cognitivo. Conseqüentemente, é um candidato a ter dificuldades na aprendizagem, o que contribui na origem do fracasso escolar. De acordo com RUBINSTEIN (1996), o psicopedagogo tem como objetivo explicar sobre as dificuldades específicas, falar da relação entre os pontos de vista específicos e gerais.

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que para LÜDKE & ANDRÉ (1986) é aquela que se desenvolve numa situação natural, é rica em dados descritivos e tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada. Também, porque responde a questões muito particulares e se preocupa com um nível de realidade que não pode ser somente quantificado; ela explora um universo de conhecimentos, significações, motivos, crenças, experiências e atitudes que se relacionam a um espaço mais íntimo de relações, aqui, em específico, o papel do educador diante dos distúrbios de comportamento infantil.

A metodologia, também se pautou pela fenomenologia adotando uma análise hermenêutica, que para TRIVIÑOS (1990), é o estudo da realidade, a qual o pesquisador cobiça descrever e mostrar da maneira como que ela é, na própria experiência, sem a intenção de modificar os fatos. De acordo com DEMO (1990), a utilização da pesquisa hermenêutica consiste na importância de reconhecer que interpretar é uma fatalidade, e a realidade não precisa ser representada para existir, pois existe com ou sem intérprete.

Para seguir metodologia adequada, a pesquisa utilizou-se de TRIVIÑOS (1990) e DEMO (1990), nela o primeiro autor esclarece a importância de estudar a realidade, a chamada pesquisa fenomenológica. En-

quanto DEMO (1990) fortalece a importância de interpretar, a pesquisa do tipo hermenêutica.

Os procedimentos caracterizaram-se por uma pesquisa bibliográfica mediante a consulta de referências teóricas pertinentes, que assumiram caráter amplo e significativo à temática evidenciada. Como todo o processo de investigação pressupõe etapas a serem seguidas, primeiramente, priorizou-se a identificação das fontes capazes de fornecer subsídios adequados à solução da problemática levantada. Após procedeu-se à leitura exploratória e seletiva para determinação do material pertinente à pesquisa. Consecutivamente empreenderam-se esforços na leitura analítica que teve o objetivo de organizar e elencar informações das fontes de consulta, as quais possibilitassem uma melhor obtenção de respostas ao problema investigado. Por fim estabeleceu-se conexões entre os referências estudados, conferindo-lhes então, significado mais amplo e elaborado, dos quais a pesquisadora procurou inferir seu posicionamento acerca dos estudos bibliográficos organizando, então, o plano de exposição do presente trabalho.

Autores, como BERGUER & MURIEL (1977) e GARCÍA (1998), foram fundamentais para entender aquelas crianças carentes de atenção e as chamadas hiperativas. Da mesma forma GALLAGUER & KIRK (1996), apresentaram os tipos de comportamentos problemáticos nas crianças. Nos aspectos relacionados ao trabalho realizado pelo psicopedagogo, utilizaram-se os seguintes autores: BOSSA (1994) e RUBISTEIN (1996). Quanto à questão dos problemas de aprendizagem, foi importante a colaboração de GOLBERT & MOOJEN (2000) e WEISS (2000), ao passo que OLIVEIRA (1999) coloca a problemática do professor desatualizado como podendo ser uma das causas do aluno não conseguir aprender. Reforça essa idéia BOSSA (1994) que fala do papel da escola em inserir o indivíduo no mundo como um ser social. Continuando na mesma temática, WEISS (2000) e FINI (1999) ratificam a idéia anterior, mas o primeiro acrescenta, esclarece a responsabilidade que o professor tem em suas mãos com relação, a maneira como desenvolve sua aula. E o segundo inclui também o ensino sem qualidade que interfere no desenvolvimento escolar do aluno.

Foi de extrema importância também a contribuição de WEISS (2000) falando da importância do educador usar os jogos como formas de trabalhar com as dificuldades de aprendizagem e também sobre o fracasso escolar. Ainda sobre esse mesmo tema, as autoras WEISS (2000) e CORDIÉ (1996) intensificam a problemática do fracasso escolar, assim como também GOLBERT & MOOJEN (2000) vêem o problema oriundo do processo do não-atender às expectativas da família e escola em geral, além desses importantes autores, SCHWARTZMAN (2000) fala do compromisso do professor em tentar saber o motivo de o seu aluno estar fracassando na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indispensável a atenção do professor para sua classe de um modo geral, estar interado dos acontecimentos diários e atitudes de cada aluno. Caso perceba algum comportamento não-costumeiro de alguma criança, é preciso observá-la com mais cuidado. Para poder ajudá-la primeiramente deve-se apoiá-la, tentando ter uma relação mais aberta com ela. É fundamental escutá-la, procurar descobrir as causas de sua conduta. Muitas vezes, é necessária a intervenção de um profissional específico.

A escola desempenha um papel muito importante na hora de ajudar a criança com distúrbio de comportamento. É nela que esse aluno passa a maior parte do tempo, devendo, então a escola dar-lhe oportunidade de obter um bom desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Como fala BOSSA (1994), a escola é a resultante da sociedade em que a criança vive e ajuda a inseri-la nesse meio.

Desse modo, acredita-se que a criança, com algum distúrbio, seja ele qual for, precisa de ajuda. Mas, este auxílio deve ser realizado em conjunto, incluindo pais, professores, profissionais especializados e escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Regina; MURIEL, S. Karlin. 1997. **Como lidar com o aluno problema**. Belo Horizonte: Interlivros.

BOSSA, Nádya Aparecida. 1994. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas.

CORDIÈ, Anny. 1996. **Os fracassados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas.

DEMO, Pedro. 1990. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 5º ed. São Paulo: Cortez.

FINI, Lucila Diehl Tolaine. 1996. **Rendimento escolar e psicopedagogia**. IN: SISTO, Fermio Fernandes (org). **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 4º ed. Petrópolis: Vozes.

GALLAGUER, James j. ; KIRK, Samuel A. . 1996. **Educação da criança excepcional**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes.

GARCÍA, Jesus Nicasio. 1998. **Manual das dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes médicas.

GOLBERT, Clarissa Seligman; MOOJEN, Sônia Maria Pallaoro. 2000. Dificuldades na aprendizagem escolar. In: SUKIENNIK, Paula Berél (org). **O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes**. 2º ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D.. 1986. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. 1996. Contribuições da psicomotricidade para a superação das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, Fermino Fernandes (org). **A atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 4º ed. Petrópolis: Vozes.

ROJAS, Adriane Kiperman. 1997. Transtornos de conduta. In: FICHNER, Nilo (org). **Prevenção, diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais da infância e da adolescência: um enfoque desenvolvimental**. Porto Alegre: Artes Médicas.

RUBINSTEIN, Edith. 1996. A especificidade do diagnóstico psicopedagógico. In: SISTO, Fermino Fernandes (org). **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 4º ed. Petrópolis: Vozes.

SUKIENNIK, Paulo Berél. 2000. Transtornos de conduta. In: SUKIENNIK, Paulo Berél (org). **O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes**. 2º ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

SCHWARTZMAN, José Salomão. 2000. Distúrbios escolares. In: SUKIENNIK, Paulo Berél. **O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes**. 2º ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. . 1990. **Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas.

WEISS, Maria Lúcia L. 2000. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnosticada dos problemas de aprendizagem**. 7º ed. Rio de Janeiro: DP & A.